

o divórcio ~~perfeito~~

jeneva rose

Tradução de Fernanda Semedo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o meu «bando de gansos».
Que possam voar alto e manter-se tolos.



TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTÁRIO
EXCERTO DO CHANNEL 5 NEWS

O xerifado do condado de Prince William está a investigar o homicídio de uma mulher local. No princípio da manhã de hoje, os agentes foram chamados a uma residência no lago Manassas, onde fora descoberto, brutalmente esfaqueado até à morte, o corpo de Kelly Summers. Fontes revelam que o romancista Adam Morgan, proprietário da residência, foi detido para interrogatório pouco tempo depois. O xerifado do condado de Prince William recusou fornecer quaisquer informações adicionais, visto tratar-se de uma investigação em curso.

ENTREVISTADOR

A 15 de outubro assinalam-se oito anos desde o homicídio de Kelly Summers e do bebé que ela esperava. O seu corpo foi encontrado na manhã seguinte na sua casa no lago, mais especificamente no quarto do casal. Adam, pode dizer-nos o que aconteceu na noite em que a Kelly foi assassinada?

ADAM MORGAN

Não. Posso dizer-lhe o que aconteceu antes de ela ser assassinada, e posso dizer-lhe o que aconteceu depois, mas não sei nada acerca da sua morte.

ENTREVISTADOR

Nesse caso, diga-nos o que aconteceu antes.

ADAM MORGAN

A Kelly foi lá a casa depois do trabalho e fizemos o que fazíamos habitualmente quando ela lá ia. Tomámos umas bebidas e fizemos sexo... várias vezes.

ENTREVISTADOR

O que aconteceu depois?

ADAM MORGAN

Acordei a meio da noite. Lá fora, estava escuro como breu. A Kelly ainda estava a dormir ou, pelo menos, foi o que pensei. Sabia que tinha de voltar de carro para Washington, D.C., e não queria acordá-la, por isso vesti-me sem acender as luzes e fui-me embora.

ENTREVISTADOR

Mas não sem antes escrever uma carta à Kelly. Não é verdade?

ADAM MORGAN

Sim, é verdade. Deixei-a na bancada da cozinha, sem imaginar que ela nunca teria oportunidade de a ler.

ENTREVISTADOR

O que dizia a carta que lhe escreveu?

ADAM MORGAN

Já não importa... Ela está morta.

ENTREVISTADOR

Quando é que soube da morte dela?

ADAM MORGAN

No dia seguinte. Agentes da polícia metropolitana e do xerifado do condado de Prince William apareceram em minha casa em Washington e, mesmo então, eu não

sabia. Só quando fui detido para interrogatório é que me informaram.

ENTREVISTADOR

Quem era a Kelly Summers para si?

ADAM MORGAN

Usando o termo mais simples... a minha amante.

ENTREVISTADOR

Algumas pessoas especularam que, se é capaz de mentir acerca de uma coisa — por exemplo, o seu caso amoroso —, também é capaz de mentir acerca de outra.

ADAM MORGAN

É muito diferente. Muitas pessoas traem, pouquíssimas assassinam.

ENTREVISTADOR

O senhor é uma dessas poucas pessoas?

ADAM MORGAN

Já lhe disse que não sou.

ENTREVISTADOR

Um júri considerou implausível que continuasse a dormir profundamente ao lado da Kelly enquanto ela era esfaqueada trinta e sete vezes. Também acharam altamente improvável que não tivesse visto o seu corpo mutilado quando saiu a meio da noite. O que diz acerca disto?

ADAM MORGAN

Um paciente que está a ser operado num hospital apercebe-se de que lhe abriram o abdómen? Não, não se apercebe, porque está sob anestesia. Eu e a Kelly fomos drogados nessa noite. Não sei por quem, mas alguém nos drogou. E, como eu disse, quando acordei, ainda estava escuro como breu lá fora; não conseguia ver nada.

ENTREVISTADOR

O relatório da toxicologia mostrou que a Kelly tinha GHB no organismo, mas o seu estava limpo.

ADAM MORGAN

Bem sei.

ENTREVISTADOR

E como é que o explica?

ADAM MORGAN

O xerifado é que devia responder a essa pergunta, já que, convenientemente, esperaram que a janela de deteção terminasse antes de me testarem.

ENTREVISTADOR

Está a dizer que foi intencional?

ADAM MORGAN

Talvez. Ou talvez fosse só desleixo da polícia.

ENTREVISTADOR

Acredita que foi incriminado?

ADAM MORGAN

Sim.

ENTREVISTADOR

Por quem?

ADAM MORGAN

Há várias possibilidades. O marido da Kelly, Scott, para começar. Também pode ter sido a pessoa a quem pertence aquele terceiro conjunto de ADN, o que foi encontrado dentro da Kelly. Também há o Bob Miller, o irmão do primeiro marido dela. Qualquer deles pode tê-lo feito.

ENTREVISTADOR

Mas não o senhor?

ADAM MORGAN

Não, eu não.

ENTREVISTADOR

Pode dizer-me o que estava a passar-lhe pela cabeça enquanto o veredicto era lido em voz alta?

ADAM MORGAN

Sabia que a minha vida estava acabada e... não conseguia acreditar. Nas notícias, ouvimos falar de pessoas que são condenadas, vítimas de erros judiciais. Mas nunca esperamos ser uma delas. Eu não matei a Kelly Summers, e continuarei a lutar contra essa mentira até ao meu último suspiro.

ENTREVISTADOR

O Projeto Inocência recusou tratar do seu caso. Por que pensa que isso aconteceu?

ADAM MORGAN

Não sei. Terá de lhes perguntar.

ENTREVISTADOR

Então, Adam, qual é o seu plano B?

ADAM MORGAN

Não há plano B. Só tenho de continuar a lutar, continuar a apelar e manter a esperança de que, um dia, a minha condenação seja anulada.

ENTREVISTADOR

Ainda tem esperança?

ADAM MORGAN

Tenho. É a única coisa que não podem roubar-me.

ENTREVISTADOR

Falou-se muito na altura do facto de ter sido defendido pela sua ex-mulher, Sarah Morgan. Ela ainda tem esperança?

ADAM MORGAN

A Sarah é minha mulher, não ex-mulher.

ENTREVISTADOR

Erro meu. Sim, a sua mulher, Sarah. Está no corredor da morte há sete anos, mas ela manteve-se casada consigo. Porque acha que isso aconteceu?

ADAM MORGAN

Porque a Sarah me ama e sabe que sou inocente.

SARAH MORGAN

Quando me casei com o Bob, sabia que um dia me divorciaria dele, porque os homens são como os advogados. Não se pode confiar neles. E tenho razões para saber, porque sou advogada... e ele também. O meu marido está sentado à minha frente numa mesa de reuniões feita para vinte pessoas, mas hoje somos só quatro nesta sala: eu, o Bob e os nossos respetivos advogados. Estou a tentar não olhar para o homem com quem passei os últimos doze anos. Contudo, sinto os seus olhos negros em mim, por isso fito-o só para o fazer desviar o olhar. Os dois botões de cima da sua camisa branca engomada estão abertos e a gravata pende-lhe, solta, em torno do pescoço. Apesar da temperatura fresca da sala, há gotas de suor na sua testa.

— O meu cliente está interessado na reconciliação. — O Brad puxa a manga do casaco para cima, mostrando um *Rolex Day-Date* de ouro sólido. É como se tentasse dizer: *Reparem como sou um bom advogado*. Tem o cabelo louro e impecavelmente penteado e o rosto bem barbeado, o oposto completo dos caracóis negros do meu marido e da sua sombra de barba. O Brad é advogado do Bob, amigo de longa data e totalmente desprezível. É conhecido por seguir atalhos para obter os resultados que deseja, o que está certo, porque eu também.

— Isso está fora de questão — diz a Jess firmemente. Inclina a cabeça e endireita-se um pouco mais na sua cadeira. A Jess é a minha advogada e faz tudo com rigor. O *yin* para o meu *yang*.

— Sarah, foi só uma vez. — O Bob cerra os maxilares e esfrega a testa com força, como se estivesse a tentar despertar de um sonho mau. Mas esta

é a nossa vida agora, a nossa realidade, e foi ele que nos colocou aqui. — Juro — acrescenta. — Foi só uma vez.

Não é isso que dizem todos? Foi só uma vez. Foi um acidente, uma decisão errada, algo completamente fora do habitual, algo que nunca voltarão a fazer. Não teve significado nenhum. *Ela* não teve significado nenhum. Pois, é isso que eles dizem todos, mas só quando são apanhados. Não lamentam o que fizeram. Lamentam que saibamos o que fizeram. E o Bob não é diferente. É igual aos outros todos. O Brad lança-lhe um olhar cúmplice e abana ligeiramente a cabeça, assinalando-lhe que deve calar-se. Percebo que é difícil para o Bob ser o cliente e não o advogado, mas aceita — soltando um profundo suspiro enquanto se reclina na sua cadeira e cruza os braços diante do peito.

— Gostaria de reiterar que o meu cliente se responsabiliza completamente pela sua grande insensatez e concordou em assistir a seis sessões de aconselhamento a fim de avançar com a reconciliação — diz o Brad, juntando os dedos das mãos diante da cara. Feixes de luz do Sol penetram pelas persianas parcialmente abertas, refletindo-se no seu *Rolex* e criando um caleidoscópio de luz que dança na parede sempre que ele mexe o pulso.

— O seu cliente devia ter assistido a sessões de aconselhamento antes da sua infidelidade. — A Jess cerra os lábios e desliza lentamente um pedaço de papel através da mesa. — Estas são as exigências da Dr.^a Morgan.

O Bob descruza os braços e inclina-se para a frente, pegando no papel antes do advogado. Semicerra os olhos e franze a testa enquanto examina a página. Percebo que não está a gostar do que lê, e é exatamente esse o objetivo.

— Nem pensar — desdenha o Bob, atirando o papel. O Brad apanha-o ainda a flutuar e alisa a folha em cima da mesa.

— Acreditamos que é uma oferta justa — diz a Jess.

O Brad levanta a cabeça e fita-a.

— O meu cliente não vai abdicar da guarda da filha. Também não abdicará do seu assento no conselho de administração da Fundação Morgan, nem da sua participação na instituição.

— Não vou abdicar de nós... ponto final — suplica o Bob. Estende a mão para mim, na esperança de que eu o encontre a meio do caminho, mas não o faço. Ao invés, tiro as mãos de cima da mesa e cruzo-as no colo. — Sarah, por favor — acrescenta.

Mordo a língua para me impedir de lhe responder, porque sei que o

silêncio lhe dói mais do que qualquer comentário sarcástico que eu possa fazer. E quero magoá-lo tanto quanto ele me magoou.

— A minha cliente não tem interesse em recuperar o casamento — clarifica a Jess.

O Brad inclina-se para o Bob e sussurra. A expressão do Bob fica mais irritada a cada palavra. Fica vermelho e o seu queixo afiado torna-se ainda mais proeminente enquanto range os dentes.

Quando terminam a sua breve conversa, o Brad pigarreia e endireita-se na cadeira.

— Visto não estarmos a fazer progressos, acho melhor marcarmos uma nova data.

— Estas reuniões não são para remediar o casamento, nem o farão, Brad. O único progresso que devíamos estar a fazer era num acordo sobre a divisão dos bens e a custódia da Summer. Gostaria de reiterar que a Dr.^a Morgan solicitou um divórcio limpo, rápido e privado. Não desejamos que isto se arraste nem que seja discutido em tribunal, mas fá-lo-emos, se tiver de ser — diz a Jess, a sua boca formando uma linha dura.

E, com isto, levanto-me da cadeira, aliso a saia e abotoo o *blazer*.

— Registado — diz o Brad, arrumando os papéis na sua pasta, uma ostensiva e garrida peça *Hermès* cor de laranja. — Peço à minha secretária que lhe ligue para marcar outra reunião.

O Bob levanta-se e cruza o olhar com o meu. É muito mais alto do que eu, com ombros largos e um corpo tonificado. Os cabelos salpicados de grisalho ficam-lhe realmente bem, tal como as rugas de *stress* ligeiramente vincadas na sua testa. Parece sábio e distinto, apesar de não se comportar como tal.

— Ligo-te mais tarde, Sarah — diz a Jess enquanto me dirijo para a porta.

Detenho-me e assinto antes de sair da sala.

— Sarah, espera — chama o Bob, caminhando logo atrás de mim.

Continuo a andar, ignorando-o completamente — mas então, de repente, uma mão está no meu ombro, fazendo-me parar subitamente. O meu coração bate com força de encontro à caixa torácica.

— Por favor — acrescenta ele.

Solto um suspiro pesado e viro-me para encarar o meu marido. Mal posso vê-lo diante de mim porque ele já faz parte do meu passado. Só que ele ainda não sabe e eu não sei como posso torná-lo mais claro.

— Que é? — pergunto.

Não há emoção na minha voz porque tudo o que sentia pelo meu marido se extinguiu no instante em que soube da sua infidelidade.

— Por favor, não faças isto — diz o Bob num sussurro tenso.

Os seus olhos buscam freneticamente os meus, como se tentassem voltar a pôr-nos no nosso lugar. Mas já não há qualquer lugar no mundo para nós, porque não posso estar casada com alguém em quem não confio. Para mim, a confiança é como o vidro. Quando se quebra, não pode voltar a ser colada — mesmo que tentemos, acabamos por nos cortar no processo. Então, mais vale atirá-la ao lixo.

— Tens sorte por divorciar-me de ti ser a coisa pior que te faço. — As minhas palavras saem doces, quase calmantes.

— Isso é uma ameaça? — pergunta ele, a sua expressão tornando-se incrédula.

— Sabes que eu não faço ameaças, Bob.

Ele franze a testa e começa a encher o peito, desafiando-me, mas já vi o suficiente. Abanando a cabeça, dou meia-volta e dirijo-me ao elevador. Ele chama o meu nome várias vezes, a sua voz tornando-se menos audível à medida que aumento a distância entre nós — ou talvez seja ele que está a perder a convicção. *Ótimo. Espero que seja esse o caso.*

O Bob está mesmo a pôr a minha paciência à prova. A única coisa que eu queria era um divórcio rápido e discreto — um pouco como o caso dele, suponho. Mas não. Ele tem de me contrariar a cada passo do caminho porque pensa que isto é algo que seremos capazes de resolver. Não é, e lá no fundo, o Bob também o sabe. Tentei permanecer civilizada; tentei mesmo — pela nossa filha, que continua abençoadamente desconhecadora do nosso divórcio iminente. Tenho adiado informá-la porque queria esperar até ser assunto encerrado e as emoções viscerais terem diminuído, para que o foco possa ser ela e só ela. Parece que sou a única que se importa com os sentimentos e bem-estar da nossa filha.

Junto do elevador, primo o botão para descer e espero. Ainda sinto a presença do Bob, mas não olho para trás. Gostava verdadeiramente que as coisas fossem diferentes. Deviam ser diferentes. A parentalidade deve fazer-nos querer ser uma pessoa melhor ou, pelo menos, fazer-nos *pensar* que somos uma pessoa melhor. A maternidade mudou-me exatamente da maneira que eu sabia que mudaria. Mas, aparentemente, tornar-se pai não fez nada pelo Bob. Ele não me traiu só a mim. Traiu a nossa família. E fingiu ser algo que não é capaz de ser — decente.

O elevador emite um *bip* e a porta abre-se. Entro, primo o botão

«Átrio» e ergo o queixo, fitando o Bob. Ele está ao fundo do corredor, os olhos fixos nos meus, como se estivéssemos em pleno confronto final. O rosto dele é uma mistura de ressentimento e mágoa, mas há outro brilho, de algo que nunca vi. Só não o consigo identificar. Nenhum de nós quebra o contacto visual até sermos forçados a fazê-lo quando a porta se fecha.

O elevador zumbe quando começa a descer, pondo ainda mais distância entre nós. Estivemos juntos por mais de uma década, mas casados apenas pouco mais de um ano. O Bob tem sorte por eu já não ser a mulher que era quando estava com o Adam, o meu primeiro marido. Se tivesse tido filhos com o Adam, talvez ele ainda estivesse entre nós. Porque, como eu disse, tornar-me mãe mudou-me, e sei que se diz que as pessoas não mudam. Mas mudam. No fundo, somos quem somos — mas isso não significa que partes de nós não possam amolecer ou endurecer ao longo do tempo.

DESCONHECIDO

 *quarto é tão escuro que nem sequer há sombras.* É o primeiro pensamento que me ocorre quando o meu corpo se sobressalta subitamente e os meus olhos se abrem. Pestanejo várias vezes, esperando que se ajustem e me permitam ver algo familiar — mas, sem luz, não há nada. Estendo a mão diante da cara, a centímetros do nariz, mas quase não a vejo, uma mancha cinzenta que o meu cérebro mal reconhece. O ar está espesso e húmido, tresandando a mofo e meias molhadas. Ergo-me até ficar sentada e pressiono as mãos ao lado do corpo, sentindo a ligeira cedência de um colchão de molas. As espirais afundam sob a pressão antes de voltarem ao seu lugar.

A minha cabeça lateja e uma onda feroz de tonturas avassala-me. Sinto-me enjoada, como se pudesse vomitar a qualquer momento. Esfrego as têmporas com os dedos, desejando que as memórias voltem. Mas não voltam. Desapareceram. Talvez por agora, talvez para sempre. *Que aconteceu na noite passada? Terei bebido demasiado? Voltei a deitar a mão a algum LSD ou Ecstasy?*

— Está aí alguém? — chamo para o vazio enquanto mudo o peso do corpo e me levanto tremulamente.

As plantas dos meus pés deixam o colchão fino e apoiam-se numa superfície dura e fria. Dou um passo cauteloso em frente, e é quando o ouço — o som de metal a arrastar no cimento. Tento avançar mais na escuridão, mas a minha perna é abruptamente puxada para trás. Uma dor aguda perfura-me o tornozelo, a grilheta de metal enterrando-se-me na pele.

— Mas que merda é esta? — Baixo a mão e apalpo a corrente fria.

Perceber que está no meu tornozelo, prendendo-me ali, causa-me um súbito ataque de pânico. A minha pulsação acelera e a minha respiração é rápida e ofegante. Tenho arrepios, apesar do suor que me escorre dos poros. — Não, não, não... SOCORRO! Alguém me ajude! Por favor! — As lágrimas caem rapidamente, e grito até a garganta me doer e não me restar ar nos pulmões.

Tombando no colchão, pego na corrente e puxo com toda a força que consigo, esfacelando no processo a pele das mãos.

— Vá lá, monte de merda, solta-me! — grito, esperando que haja um elo fraco ou que se abra onde está presa.

Arrasto-me para a frente, seguindo a corrente até ao início — um grosso poste de metal preso ao cimento do chão. Ponho-me de pé e tateio o poste até onde consigo alcançar. Deve ser uma trave de suporte que se estende até ao teto, porque não consigo chegar ao topo. Devolvo a minha atenção à corrente, apalpando toda a sua extensão. Presa como um satélite em órbita, tenho apenas cerca de um metro e oitenta para me movimentar em qualquer direção.

Com os braços estendidos à minha frente, começo a explorar os arredores. Surge uma parede e coloco a palma da mão de encontro a ela, seguindo o cimento áspero até a corrente presa ao meu tornozelo ficar completamente esticada.

— Merda! — resmungo quando o meu tornozelo embate em algo duro. Inclino-me até as pontas dos meus dedos lhe tocarem, sentindo um rebordo circular liso. É um balde, um balde de plástico robusto, dos que se compram nas drogarias. Continuo a minha busca. As minhas mãos passam por uma áspera superfície granulosa — madeira, julgo eu. Algo me morde a palma e dou um salto. Estremecendo de dor, levo a ferida à boca e chupo até a dor diminuir. O sangue deixa-me um sabor metálico na boca.

Volto para o colchão, puxo os joelhos contra o peito e choro, balançando-me para trás e para a frente enquanto soluço. A minha mão roça num cobertor — não, é um saco-cama. Pego nele e enrolo-o em volta do corpo, para me proteger do inferno escuro em que acordei.

SARAH MORGAN

s meus saltos ecoam no chão de mosaicos, reverberando pelo velho edifício, mesmo depois de eu ter saído. Tiro uns óculos escuros da mala e ponho-os, protegendo os olhos do Sol em ascensão. O meu escritório fica apenas a uma curta distância a pé, em Old Town Manassas. Muitas coisas na minha vida mudaram, não apenas eu. Já não sou uma sócia nominal na Williamson & Morgan em Washington, D.C. Foi uma escolha minha e de mais ninguém. Estava farta de ter o nome de um homem em frente do meu e igualmente farta de defender indivíduos depravados com demasiado dinheiro. Uma pessoa pode safar-se de tudo, se tiver meios para isso. Eu sou prova disso, assim como os meus antigos clientes.

Contudo, não abdiquei da prática do Direito. Só abdiquei das pessoas para quem o praticava. O meu trabalho agora é todo *pro bono* — o que prefiro, porque é muito mais desafiante. Sou fundadora e diretora executiva de uma instituição de caridade chamada Fundação Morgan. As palavras *caridade* e *Morgan* na mesma frase podem parecer estranhas, uma espécie de oximoro, mas não deviam. Há muitas vantagens no trabalho solidário — benefícios fiscais, uma boa imagem pública, influência política e tantas coisas mais. Tudo isto embrulhado com um lindo laço disfarçado de boa vontade. E o nome Morgan? De certeza que têm perguntas acerca disso. Porquê mantê-lo? Porquê dá-lo à minha instituição? Bem, curiosamente, Morgan é o meu nome de solteira. Nunca adotei o do Adam, e ele nunca se importou. A mãe dele importou-se, mas ele não. Quando o Adam obteve o seu primeiro contrato para um livro, decidiu usar Morgan como

pseudónimo — *Rumple* não tinha a mesma aura de sofisticação. A mãe dele ficou indignada, mas o que odiou ainda mais foi que o Adam o oficializasse, alterando legalmente o seu nome. Então, é por isso que se chama Fundação Morgan: porque *Morgan* é meu e sempre foi.

O Bob ainda trabalha na Williamson & Morgan, só que agora chama-se Williamson, Miller & Associados, porque ele se tornou sócio nominal no início deste ano. Foi preciso que eu saísse da empresa para ele conquistar a minha posição e, mesmo então, chamou-se Williamson & Associados durante muito tempo. Parece que nunca fomos um par desde o início, porque eu estive sempre à frente dele.

Chegando ao edifício de tijolo a alguns quarteirões de distância, apanho o elevador para o último andar. Abre para uma área de espera e uma grande secretária em forma de quarto crescente, onde está sentada a Natalie, a rececionista da fundação. Uma divisória de vidro posicionada atrás da secretária separa o átrio do resto do escritório. O nome da fundação está gravado no vidro fosco, em letras maiúsculas e *bold*.

— Bom dia, Sarah — diz a Natalie, levantando-se da cadeira com um sorriso. É jovem e motivada, com uma atitude proativa e um desejo de agradar — características ideais para alguém na sua posição. O seu cabelo arruivado está apanhado num coque baixo e usa um elegante fato preto. — Preparei a reunião das nove horas na sala de reuniões — acrescenta rapidamente.

Franzo a testa e vejo as horas no meu *Cartier*. São 9h20. A Natalie não comenta que estou atrasada, mas estou — e isso é muito invulgar em mim. Respeito o tempo acima de tudo, porque é o nosso recurso mais valioso. O dinheiro vem e vai, mas o tempo apenas vai. Não há muita gente que se aperceba disto. Quando damos a alguém o nosso tempo, o que realmente estamos a dar-lhe é um pedaço de nós, e é por isso que temos de ser cuidadosos com ele.

— Alejandro Perez, o nosso quinquagésimo caso de reinserção — diz a Natalie, folheando um molho de papéis dentro de um dossiê antes de mo passar.

Examinando as páginas, familiarizando-me com o conteúdo.

— Sarah, sei que tem muita coisa a acontecer. — Ela detém-se e lança-me um olhar compassivo. — Por isso, se quiser, eu posso...

— Não, eu trato disso — digo, interrompendo-a.

— Está bem... Oh, e o seu café. — Pega num grande copo de café para levar que está em cima da secretária e entrega-mo.

Agradeço-lhe e contorno a divisória de vidro, entrando nos escritórios da Fundação Morgan. O espaço é arejado, com tetos altos, vigas expostas e grandes janelas em arco. É uma fusão entre moderno e rústico, com um toque de minimalismo. Não há cubículos, porque nunca me agradaram. Quem é que quer trabalhar dentro de uma caixa? Isso é para quando morremos, não para passarmos a vida.

O espaço é de conceito aberto, tirando dois gabinetes de canto e uma grande sala de reuniões entre ambos. O escritório maior é meu e o outro é da Anne. Sim, mantive a Anne comigo. É um ativo excelente porque faz o que a mandam sem fazer perguntas. Além disso, hoje em dia é difícil encontrar alguém em quem se possa confiar. Toda a gente tem um ângulo, algo que quer e algo de que está disposto a abdicar para o obter. Mas a Anne não é assim. O papel dela aqui é muito mais importante do que era na Williamson & Morgan. Já não é minha assistente. É a gestora do escritório e faz parte do conselho de administração.

Vários empregados notam a minha presença e param de trabalhar, saudando-me com sorrisos e *olás*. Troco gentilezas breves com cada um deles. Têm orgulho em trabalhar aqui, porque fazemos a diferença. Tenho um *staff* de vinte pessoas, metade das quais são advogados e assistentes jurídicos. A outra metade apoia a vertente de reinserção da Fundação Morgan, que é o que realmente nos põe no mapa, e é por isso que temos tantos patrocinadores. Os nossos doadores estão não só a investir nos futuros daqueles que são selecionados para o programa de reinserção, mas também a investir nos seus próprios futuros — porque cada criminoso que reabilitamos é menos um criminoso que desperdiça os recursos do nosso sistema e menos um prejuízo para a nossa sociedade. Até agora, temos um histórico perfeito e espero que o Alejandro o mantenha. Através do vidro opaco, apenas lhe vejo a nuca, sentado à mesa de reuniões de frente para a janela.

Mais uma vez abro o dossiê para ver uma fotografia do «Caso Cinquenta». Não tem qualquer expressão, apesar de exibir um queixo forte e bem definido e feições angulosas. Tem os olhos da cor de sálvia fresca arrancada de uma horta, num intenso contraste com o cabelo preto asa-de-corvo. Uma tela de tatuagens adorna-lhe o pescoço, continuando sob a abertura da camisa. Não consigo evitar perguntar-me até onde irão. Noutra vida, o Alejandro podia ter sido modelo. Talvez ainda possa, com a ajuda da minha fundação. Folheio rapidamente o resto do dossiê, revendo o seu registo criminal, história profissional e candidatura ao programa, que inclui um ensaio escrito.

— Então, como correu a reunião? — perguntam-me.

Levanto os olhos do dossiê e vejo a Anne dirigir-se a mim. O seu rolo de cabelo brilhante balança e o seu vestido azul-marinho restolha a cada passo.

— Correu tão bem quanto a última — digo em voz baixa.

A minha vida pessoal não é algo de que goste de falar com os meus empregados, mas a Anne é mais do que uma empregada. É uma amiga, por isso sabe o que se passa comigo. Julgo que a Natalie também sabe, mas por coscuvilhar, porque decerto não lhe fiz confidências.

A Anne abana a cabeça, desanimada, e segue-me até ao meu gabinete, que é basicamente uma cópia do que tinha na minha antiga empresa. Há uma passadeira de corrida num canto, uma área de estar acolhedora ao lado, e uma estante enorme, cheia de livros, a ocupar uma parede inteira. Pouso as minhas coisas e abro um conjunto de estores. A vista é para o Baldwin Park e o Museu de Manassas, meio bloqueada por um grande parque de estacionamento. Isto ter-me-ia chateado há alguns anos, mas já não chateia. Uma vista só é uma vista até deixarmos de a apreciar e, mais cedo ou mais tarde, todos o fazemos.

— Então, o que é que aconteceu? — pergunta a Anne. — O Bob ainda está a rastejar?

Puxo rapidamente o fio do último conjunto de estores, fazendo-os bater na moldura da janela.

— Sim, ainda acha que podemos reconciliar-nos — digo, virando-me de frente para a Anne. — Não estamos a fazer progressos porque ele trata este processo de divórcio como se fossem sessões de aconselhamento.

Ela revira os olhos.

— Qual é o problema dele?

— Bem, para começar, é homem.

— É verdade. — A Anne inclina a cabeça, lançando-me um olhar divertido. — Porque é que os homens...?

Semicerro os olhos, esperando que ela termine.

— É isso. É mesmo essa a questão. Porque é que os homens são assim? — Ela ri-se.

Abro um sorriso e abano a cabeça. Vejo o dossiê do Alejandro em cima da secretária — lembrando-me de onde devia estar e o que devia estar a fazer.

— Tenho de ir tratar do Caso Cinquenta.

— Eu posso tratar disso.

— Não — digo, pegando no dossiê. — Sabes que gosto de estar no terreno. Como fundadora, é importante que eu mostre o quanto estamos investidos em cada um dos casos.

— Já o viste? — A Anne dá um passo atrás, pondo a cabeça fora da porta e fingindo espreitar na direção dele. Volta para dentro e diz: — Estou investida.

— Anne — aviso, meio a brincar, meio séria.

— O quê? Estou a brincar... mais ou menos. Só não digas ao Jamie que eu disse isto — diz ela com uma gargalhada, referindo-se ao seu companheiro.

— O teu segredo está seguro comigo — digo, saindo do gabinete e dirigindo-me para a sala de reuniões.

— Avisa-me se precisares de ajuda. — A Anne pisca o olho e segue na direção oposta, para o seu gabinete.

Paro à porta da sala onde o Caso Cinquenta está à espera. Pouso a mão na maçaneta e solto um suspiro fundo antes de entrar. O Alejandro põe-se imediatamente de pé, com as mãos cruzadas diante de si.

— Desculpe tê-lo feito esperar — digo, fechando a porta atrás de mim.

— Não faz mal. Estou acostumado a esperar. — Sorri docemente.

Não correspondo ao sorriso. Ao invés, estendo-lhe a mão para o cumprimento. Espero que o seu aperto seja firme e duro, mas é como o meu. Claramente, está a tentar mostrar-me respeito.

— Sou Sarah Morgan, a fundadora e diretora executiva da Fundação Morgan.

— Alejandro Perez, recluso número... — Detém-se a meio da frase, com as bochechas coradas. — Desculpe, é a força do hábito... Hum, prazer em conhecê-la.

Sorrio polidamente para o pôr à vontade.

— Bem, estamos aqui para lhe tirar esse hábito e assegurar que nunca mais voltará a referir-se a si mesmo como um número — digo, enquanto contorno a mesa e puxo uma cadeira.

Ele assente com a cabeça e reparo que só se senta depois de eu estar sentada. Pouso o seu dossiê, assim como um molho de brochuras e um grande envelope castanho, antes de cruzar o olhar com o dele. A luz que se reflete através da janela incide-lhe nos olhos, fazendo-os parecer ainda mais brilhantes do que na fotografia.

— Antes de mais, quero felicitá-lo, Alejandro, por ter sido selecionado para o nosso programa de reinserção.

— Obrigado. Estou mesmo grato por esta oportunidade e, por favor, chame-me Alex. Só a minha mãe e a polícia é que me chamam Alejandro.

— Vou ter isso em conta, Alejandro.

Ele inclina a cabeça, semicerrando os olhos por um momento, antes de relaxar as feições para uma posição neutra. Os limites são importantes, especialmente em casos como estes, quando trabalhamos com pessoas que não respeitam limites. A lei é um limite, e o Alejandro ultrapassou muitos na sua vida.

— Agora, vamos rever o funcionamento do programa. Tudo o que precisa está aqui — digo, deslizando o grosso envelope castanho através da mesa. — Abra.

O Alejandro abre o fecho e mete a mão lá dentro, tirando um conjunto de chaves.

— São da sua caixa do correio, apartamento e carro, tudo pago pela fundação nos próximos seis meses. O apartamento está completamente mobilado, com máquina de lavar e secar, frigorífico abastecido e todas as necessidades básicas para poder começar.

A mão dele volta a desaparecer dentro do envelope e retira um cartão de débito.

— Está carregado com mil dólares, para o ajudar com quaisquer despesas adicionais. Deve ser suficiente até conseguir um emprego.

O Alejandro assente com a cabeça e folheia o molho de brochuras.

— Esses são todos os recursos que tem disponíveis, assim como informação quanto ao que lhe é exigido para se manter no programa. Deve procurar trabalho ativamente. A sua ficha diz que não é utilizador de drogas, mas submeter-se-á a um teste para a sua deteção de três em três semanas. Se falhar um único teste, é expulso do programa. Se se meter em qualquer problema legal que vá além de uma simples infração de trânsito, é expulso do programa. Também é obrigado a assistir a uma sessão de terapia todas as semanas. A primeira já foi marcada e está anotada na sua agenda.

Ele retira a agenda de dentro do envelope e pousa-a na mesa, examinando-a.

— Tem alguma dúvida até agora? — pergunto.

Os olhos dele passam pelas chaves, agenda, brochuras e cartão de débito, mas a sua expressão permanece inalterada, como se não soubesse bem o que pensar daquilo.

— Isto é demasiado — diz o Alejandro, apontando para tudo o que está em cima da mesa. — Como é que conseguem pagar tudo isto? E eu

sou o vosso quinquagésimo caso? — Atira a cabeça para trás, como se não acreditasse na sorte que lhe calhara.

— Não é demasiado. Há muitas pessoas neste mundo que querem ajudar.

— De quem é o apartamento onde vou ficar? E o carro que vou conduzir?

— A Fundação Morgan possui uma frota de veículos usados e um grande número de propriedades, por isso não pertencem só a uma pessoa. Visto que o nosso programa é de seis meses, os nossos *reformers* saem e outros entram — explico.

— *Reformers*... — Ele sorri. — Faz-me pensar em *Transformers*.

— Sim, bem, essa marca já estava registada. — A minha boca começa a formar um sorriso, mas apresso-me a reprimi-lo. Enquanto clareio a garganta, o meu olhar recai sobre o seu peito e bíceps. A *T-shirt* branca e justa que usa deixa muito pouco à imaginação e é óbvio que passou o seu tempo na prisão a exercitar-se.

— O que é que acontece quando os seis meses acabam? — pergunta ele.

— Será financeiramente responsável por si mesmo, mas os recursos da Fundação Morgan continuarão disponíveis para si enquanto precisar.

O Alejandro inclina a cabeça para o lado.

— E é assim que vocês corrigem uma pessoa má?

A pergunta apanha-me desprevenida, e dou outra vez por mim a cruzar o olhar com o dele, apenas por um momento — mas, nesse momento, parece que vemos a alma um do outro. Pergunto-me o que verá ele na minha.

— Não. É assim que damos a uma pessoa que fez coisas más uma segunda oportunidade de fazer algumas coisas boas.

O meu telefone vibra em cima da mesa. O ecrã diz *Desconhecido*, o que não é invulgar no telefone de trabalho. Muitas das chamadas que recebo são de prisões, agentes da polícia e telefones descartáveis, todos partilhando a mesma convidativa identificação.

— Tenho de atender isto — digo, pegando no meu telefone e virando a cadeira ligeiramente para não estar de frente para ele. Primo *Aceitar* no ecrã e encosto o aparelho ao ouvido. — Fala Sarah Morgan.

Uma respiração pesada ecoa pelo auscultador, e quase sinto a exalação, como se a pessoa do outro lado estivesse na sala comigo. Olho por cima do ombro para o Caso Cinquenta e percebo que não tirou os olhos de mim.

Virando-me, falo para o telefone.

— Estou?

— Sarah. — Uma voz rouca, que reconheço imediatamente. Perdeu a autoridade que outrora teve. A vida pode fazer isto a uma pessoa. Para a maioria de nós, a quebra é lenta, ao longo de anos e décadas, mas, para alguns, acontece de uma vez. Ele está no último grupo.

— Preciso da sua ajuda — diz ele.

— Com o quê?

Ele exala ruidosamente.

— Não sei exatamente, mas tenho a sensação de que vou precisar dos seus serviços legais.

— Onde está?

— No xerifado do condado de Prince William... sob custódia.

— Estou a caminho — digo, terminando a chamada.

Solto um pequeno suspiro enquanto começo a recolher as minhas coisas, parando apenas para me dirigir ao Alejandro.

— Desculpe abreviar, mas tenho de ir. Um dos meus associados vai substituir-me — explico enquanto me ponho de pé.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

— Não, mas vai ficar.